

Barris

é do babado

Marcos Uzel

Fim de semana no centro de Salvador. Termina a última sessão de cinema na Sala Walter da Silveira, pouco antes das 11 da noite. Também não há mais ninguém na platéia do Espaço Xis circulando pela Sala Alexandre Robatto ou pela Galeria Pierre Verger. Até bem pouco tempo, alguém que fivesse acabado de usufruir desse complexo cultural dos Barris, fatalmente pensaria: "Não tenho mais nada a fazer por aqui".

Só que os tempos mudaram. A noite no bairro passou a ter outros gostos. Sabores como o de caldo de banana verde com carne-de-sol, uma das grandes pedidas do notívissimo bar e restaurante Quixabeira, onde rolam samba do recôncavo e sarapatel, *drum n bass* e moqueca de feijão. As noites por lá têm sido concorridas. "Queríamos abrir o bar em um lugar gostoso, que tivesse uma cara de cultura e tradição", destaca Eliane Pinho, uma das proprietárias.

Inaugurado na época da mais recente edição do Julho em Salvador — projeto que já vinha provocando um burburinho cultural no bairro e este ano ampliou o número de atrações na área —, seu casarão vermelho, situado na Travessa dos Barris, atraiu de imediato quem estava nas platéias. Daí para a divulgação boca a boca, foi um passo. Eliane Pinho deixa claro que a proposta é fazer um mix cultural com sua clientela, incluindo moradores da área, sem estabelecer nenhum selo de identificação de tribos. Em português claro: todos são bem-vindos.

Intimo da programação artística dos Barris e atento às novidades da noite, o público GLS logo deu as caras, disposto a ver e ser visto. Não apenas no foyer da Sala Walter ou tomando um caldinho no quintal do Quixabeira, mas também circulando por outros endereços próximos. Um deles vai dar na discreta Rua Theodoro Sampaio. Enquanto a vizinhança dorme — ou espia pela fresta da janela — a Boate Queens oferece entretenimento gay a partir da meia-noite.

Proprietário da casa, André Cupolo, 33 anos, evita bater de frente com os moradores da rua. Do lado de fora da Queens, tudo é muito *clean*. Não existe nenhum sinal de identificação na fachada do casarão branco que abriga a boate, a não ser o número do local. "Tocamos a melhor música do mundo, temos os shows mais picantes e a iluminação mais cara. É um negócio muito comum na Europa", garante Cupolo, que também administra um *sex shop* nas dependências da Queens.

Prazer - Os habitantes dos Bar-

ris agora dividem o espaço da tradição familiar com imagens urbanas até então distantes da sua rotina. Antes de a madrugada chegar, vapor e tensão exalam à tarde e à noite nas duas saunas masculinas instaladas na área há menos de dois anos: a Rio's, considerada a melhor da cidade, e a *Thermas Persona*.

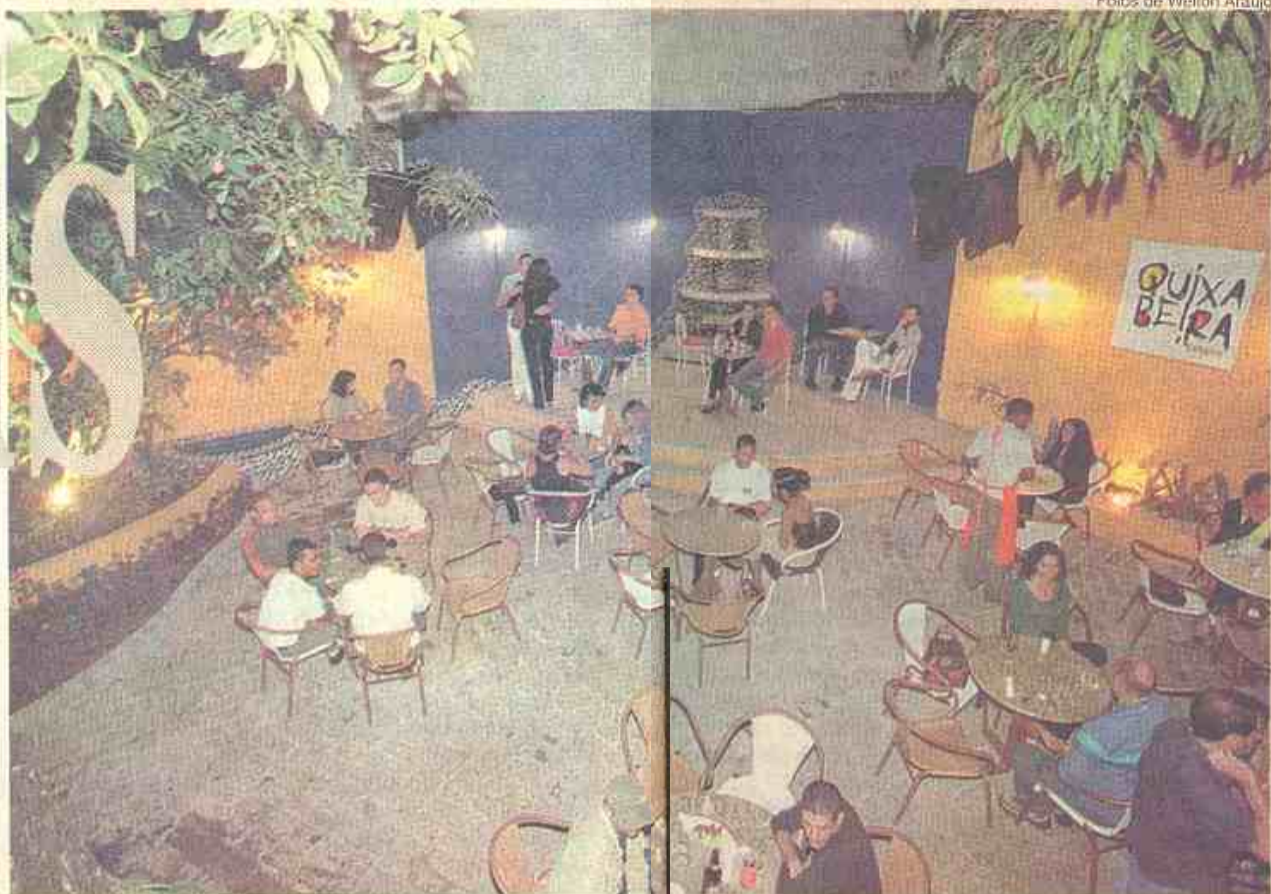
Tratado por boa parte dos moradores como uma espécie de ilha em pleno centro da cidade, o bairro é hoje referência para quem procura arte, boemia e sexo. Tomou-se um lugar de prazer, exposto a todo tipo de julgamento moral. "Isso aqui virou o inferninho das fantasias proibidas, uma pouca vergonha", irrita-se um corretor de imóveis de 57 anos, que reside há décadas em um prédio nos arredores da Queens e não quis se identificar.

A economista Edinisia Calasans, 29 anos, que mora nos Barris há apenas dez meses, pensa diferente. Intima do território há décadas, ela diz que a boate e as saunas atraíram uma clientela que já frequentava o bairro, seja almoçando no restaurante de comida natural Grão de Arroz (bem próximo à Estação da Lapa) ou vendo um filme na Sala Walter da Silveira. "Aqui ninguém se afeta mais vendo pessoas atípicas. Minha mãe, por exemplo, já se acostumou", acrescenta.

Novo perfil - A partir de 1982, com a construção da Estação da Lapa, o circuito dos Barris virou um grande eixo de distribuição da população da cidade, atraindo investimentos comerciais. Entre eles, os shoppings Piedade e Center Lapa. As alterações no perfil desse pedaço do centro de Salvador acabaram se tornando inevitáveis.

"O comércio tirou um pouco a nossa paz, mas isso não tem nada a ver com a questão moral. Acho que todo mundo tem direito a seus espaços. Só me incomodaria se tirasse meu sono", posiciona-se a assistente social Eugênia Figueiredo, moradora da área.

Seu filho, o *web designer* André Stangl, 30 anos, acha essas mudanças comportamentais positivas e arrisca uma razão para o olhar desconfiado de parte dos moradores: "Talvez as pessoas estejam sentindo medo de ter a rotina de suas vidas alterada, de perder o domínio de seu território. Foi mais ou menos isso o que aconteceu com a Barra, que tem um clima lascivo e me parece uma terra de ninguém. Não creio que isso se repita aqui". O bairro de ambiente arborizado e ar interiorano está redefinindo a sua identidade. Mas uma coisa é certa: enquanto a libido acender, a farra for estimulante, o rotelão cultural oferecer boas opções e a novidade valer a pena, a atração pelo circuito não acaba tão cedo.



O bar e restaurante Quixabeira é o novo espaço boêmio do tradicional bairro, que, a cada dia, passa a oferecer mais opções de cultura e lazer



O complexo cultural dos Barris (com biblioteca, cinema, teatro e galeria) é um dos chamarizes do local

Saunas masculinas instigam moradores

Aos olhos de parte dos moradores dos Barris, a existência de duas saunas para gays dentro do bairro é um enigma. Provoca desconformidade, repulsa e também curiosidade. "Isso aqui mudou muito. Tem um motel em cada rua", exagera uma cabeleireira, que há sete anos trabalha perto da Biblioteca Pública.

Enquanto ela se incomoda, a estudante Márcia Guimarães, 23 anos, que mora de frente à *Thermas Persona*, na ladeira do Shopping Piedade, sente-se instigada: "As vezes, vou até a janela e vejo um rapaz superbonito estacionar sua moto aqui perto

e entrar na sauna. Acho que ele é garoto de programa. Meus pais ficam indignados, mas eu entendo o lado deles, mas tem uma coisa meio misteriosa nisso tudo".

Gerente da Rio's, instalada na Rua Almeida Ander, o carioca Marcos Alairdes diz que a escolha dos Barris não foi proposital. "A casa é ideal para a nossa proposta de

instalar uma sauna grande com boa estrutura e ambientes diferenciados", explica. A Rio's chega a receber 75 clientes por dia nos fins de semana. Marcos garante que nunca teve problema com a vizinhança: "Porém, que o bairro seja considerado, um dia a hipocrisia vai ser quebrada. Estamos no século XXI".



Casa onde funciona uma das saunas masculinas do bairro, que abriga também uma boate gay

Bairro nasceu de um grande quintal

A região dos Barris surgiu no século XVII como uma grande roça, um enorme quintal. As primeiras moradias só apareceram a partir do século XIX, através de chácaras e casas assobradadas, habitadas por gente de posse. A cidade não possuía rede de esgotos, o que obrigava as famílias a ter em casa um barril para recolher os dejetos. Quando a noite chegava, os escravos iam despejar esses tonéis numa área próxima, que passou a ser conhecida como vaza-barris. Acredita-se que vem daí o nome do bairro.

O arquiteto Francisco Senna, presidente da Fundação Gregório de Mattos, conta que, por volta dos anos 30, se desenvolveu na área uma linha arquitetônica uniforme e residencial, programada para caracterizá-la como um novo bairro, uma espécie de Caminho das Árvores ou Itaigara da época. O loteamento coincidiu com o período de valorização do paisagismo na arquitetura, com enfoque nas ruas arborizadas que, ainda hoje, chamam atenção nos Barris.

A transferência da Biblioteca Pública para o local, em novembro de 1970, desconfigurou um pouco sua malha homogênea, dinamizando-o culturalmente. "A área — sendo ao mesmo tempo central e periférica — passou a funcionar também como um lugar de circulação e lazer", recorda Francisco Senna.